

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Índios do Povo (S.P.) Class.: 219

Data: 25 de fevereiro de 1989 Pg.: _____

Índios não querem usina. E Raoni declara guerra a Sarney



Povo de Altamira vai às ruas e protesta em favor dos povos indígenas

O cacique txucarramae Raoni declarou guerra ao presidente José Sarney. "Se o chefe de vocês, que se chama Sarney, continuar com plano de barragem, eu vou fazer guerra com ele. É muito perigoso homem branco mexer com meu povo", desafiou ele, dando o tom ontem do encerramento do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu. Os 800 índios de mais de 20 nações que vieram a Altamira decidiram que não querem a construção de hidrelétricas no Rio Xingu e em outros rios da Amazônia, "pois ameaçam as nações indígenas e os ribeirinhos".

Raoni garantiu que não está na luta sozinho. "Não é só eu que conheço a nossa cultura", disse, renovando a ameaça. "Junto todo o meu povo e vou contra o branco. E fico em pé para a briga também", prometeu. Como ele, os outros povos indígenas da região estão cansados de ser desrespeitados: "durante muito tempo o homem branco agrediu nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos, antepassados. Agora deve parar. Nossos territórios são os sítios sagrados de nosso povo, morada do nosso criador que não pode ser violada diz a "Declaração Indígena de Altamira", documento final do encontro.

O líder Paulinho Paiakã afastou ontem os boatos que correram durante o encontro sobre ameaça de morte. A única ameaça que para

sobre ele agora é uma gripe que o pegou na quinta-feira. Mas o advogado José Carlos Castro, da OAB paraense, informou ontem que pedirá proteção policial para Paiakã.

Os índios da Amazônia decidiram também, a partir deste encontro, "vigiar as ações do Governo para impedir mais destruição". E se unirão ao povo brasileiro e ao Congresso Nacional para juntos protegerem essa importante região do mundo". Sete parlamentares estavam ontem em Altamira para solidarizar-se com esta vontade. A deputada Benedita da Silva (PT-RJ), que ganhou um bonito cocar de penas coloridas, mereceu até danças e ovações da platéia índia.

Ela fez um discurso emocionado, sugerindo que, neste ano eleitoral, "os índios devem cobrar dos políticos quanto a política indigenista". Membro da frente parlamentar indigenista no Congresso, Benedita anunciou que vai trabalhar contra a construção de hidrelétricas, já que com a nova Constituição aquela casa ganhou poderes para legislar sobre política energética ou qualquer outro projeto do Executivo em terras indígenas. "Nós só queremos cumprir a Constituição. Esta mesma Constituição que o presidente Sarney jurou", disse ela.

E discordou da proposta do deputado inglês Tam Dalyell, do Parti-

do Trabalhista, de incentivo às usinas nucleares. "O País precisa desarmar-se, fechar as usinas que já existem", declarou a deputada, alertando que "as armas nucleares podem levar à nação ao genocídio". Condenando "métodos e decisões autoritários e tecnocráticos que impõem a nossa sociedade projetos megalomaniacos de enorme impacto ambiental", os parlamentares Ademir Andrade, Fábio Feldman, Haroldo Lima, Nelson Friedrich, Otávio Elisio e Tadeu França, além de Benedita, deram adeus ao encontro após a Festa do Milho, tradicional ritual indígena que encerrou ontem, no final da tarde, o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu.

Paralelamente, 72 organizações não-governamentais conservacionistas, incluindo entidades ecológicas estrangeiras e nacionais e partidos políticos, resolveram lançar uma campanha nacional em defesa dos povos e da Floresta Amazônica. Elas querem uma revisão completa das políticas de Governo que afetam o meio ambiente e um acompanhamento permanente dos projetos já implantados. E repudiaram o Programa Nossa Natureza, que o Governo lançou por decreto em outubro para cuidar do meio ambiente amazônico, e o Projeto Calha Norte, "danoso às populações do norte da Amazônica, em especial às indígenas".